



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ÍISIS SOUSA DE ARAÚJO

**SABERES DA EXPERIÊNCIA DOCENTE DE UMA
PROFESSORA DE REFORÇO ESCOLAR EM PROCESSO
DE FORMAÇÃO**

Salvador
2013

ÍSIS SOUSA DE ARAÚJO

**SABERES DA EXPERIÊNCIA DOCENTE DE UMA
PROFESSORA DE REFORÇO ESCOLAR EM PROCESSO
DE FORMAÇÃO**

Memorial apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito básico obrigatório à obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Vera Fartes

Salvador
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

ÍISIS SOUSA DE ARAÚJO

SABERES DA EXPERIÊNCIA DOCENTE DE UMA PROFESSORA DE REFORÇO ESCOLAR EM PROCESSO DE FORMAÇÃO

Memorial aprovado como requisito para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, UFBA, pela seguinte banca examinadora:

Nome: _____

Titulação e instituição: _____

Nome: _____

Titulação e instituição: _____

Nome: _____

Titulação e instituição: _____

Salvador, ____/____/ 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e inspiração com que me guiou e abençoou a cada dia. À minha família, em especial aos meus pais, que sempre me apoiaram e me incentivaram nessa difícil empreitada.

Agradeço a meu namorado, Diógenes Duarte, por sossegar minhas inquietações ao longo da jornada. Aos meus professores pela dedicação e sabedoria, principalmente à minha orientadora Vera Fartes, cujo conhecimento ampliou os horizontes desta pesquisa e cuja dedicação e apurada técnica me fizeram concluir o presente memorial.

Deixo meus sinceros agradecimentos às minhas amigas de curso, que me ajudaram nesta árdua tarefa e em todos os momentos difíceis. Cada uma delas se tornou, à sua maneira, inesquecível, já que, com amizade incondicional, todas contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço, por fim, a Natacha Cruz por conviver pacientemente com minhas expectativas para esse projeto.

“É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia.” (Clarice Lispector)

RESUMO

O presente memorial de formação tem por objetivo apresentar seu significado e importância, trazendo à tona a necessidade de compartilhar lembranças educacionais de modo crítico, ao mesmo tempo em que as transformo em uma experiência coletiva. Para tanto, começo refletindo sobre os saberes docentes e a importância de suas experiências para o professor, que sempre está em processo de formação e que também é produtor de conhecimento. No capítulo seguinte, exponho meu trabalho como professora de reforço escolar, cujo intuito é melhorar a qualidade da aprendizagem desses alunos, cuidando de esclarecer, ao mesmo tempo, que essa é a aprendizagem que buscamos para nós mesmos. Por fim, exibo os ensinamentos acadêmicos que foram determinantes para a superação de dificuldades apresentadas pelos alunos. Importa salientar, ainda, que não tenho como objetivo estabelecer verdades sobre o processo de aprendizagem, mas desbravar caminhos que levem à descoberta de propostas metodológicas de resultados superiores, ampliando a participação do professor no processo de produção do conhecimento.

Palavras-chave: Reforço escolar; processo de aprendizagem; métodos de ensino.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1 UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE	12
2 O REFORÇO ESCOLAR E SUAS PECULIARIDADES	17
2.1 CONCEITO DE APRENDIZAGEM	22
2.1.1 Teoria sócio-histórica e cultural da aprendizagem e do ensino (VYGOTSKY)	22
2.1.2 A INFLUÊNCIA DA APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS	25
2.2 ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM	25
3 MINHAS EXPERIÊNCIAS COMO PROFESSORA DE REFORÇO ESCOLAR	
3.1 REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	28
3.1.1 A aluna Amanda	
3.1.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Amanda	34
3.2 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM	35
3.2.1 O aluno Jaime	38
3.2.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Jaime	39
3.3 A IMPORTANCIA DE APRENDER COM O OUTRO COLEGA	41
3.3.1 O aluno Marcelo	44
3.3.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Marcelo	45
3.4 AS CONSEQUENCIAS DO APRENDIZADO POR MEMORIZAÇÃO	46
3.4.1 A aluna Karina	48
3.4.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Karina	49
3.5 APROVADOS PARA AS SÉRIES SEGUINTEs SEM DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS ESSENCIAIS	50
3.5.1 O aluno Rafael	52
3.5.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Rafael	53
CONCLUSÃO	55

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar determinados aportes teóricos que permitam compreender melhor o memorial de formação como texto que contribui para os atores da educação. De início, iremos entender o que é um memorial de formação, qual sua importância e porque eu, na condição de formanda em pedagogia, resolvi abraçar esse gênero textual.

Fundamentada no artigo de Prado e Soligo (2004), aprendi que o memorial de formação é um gênero textual narrativo que registra o processo de formação em determinado período. O autor será narrador, personagem e escritor da sua história no campo da educação, por isso são textos geralmente narrados na primeira pessoa do singular. Ele tem por objetivo a descrição dos acontecimentos relacionados à prática profissional, da experiência de formação e da vida, desde que esses fatos estejam relacionados com essas duas dimensões.

Embora a narrativa siga uma sequência, o autor não precisa fazê-lo em ordem cronológica e linear. Isso porque “seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo.” (BOSI, 1994, p. 91). Assim sendo, o modo com o qual se narra é determinado pela memória e não pelos acontecimentos, por isso a organização do texto irá depender da vontade daquele que o escreve, que pode abrir mão de recursos que possam orientar o leitor em relação ao conteúdo abordado.

O memorial de formação é, pois, um texto que relata fatos inesquecíveis sob o ponto de vista do profissional que ocupamos, distribuindo memórias relevantes ao nosso processo formativo. É, assim como em um diário, no qual é descrito aquilo que é vivenciado no curso, oportunizando-se uma reflexão sobre esses momentos, num exercício de autoconhecimento. Narra um caminho individual, mas com uma extensão reflexiva, pois quem narra se interroga e tem a vontade de se compreender.

Bosi (1994, p. 55) assevera que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com as imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Corroborando com esse pensamento, é possível afirmar que só temos vontade de escrever aquilo que tem significado real para nós, e, se significou, porque não transformar em experiências para outros que escutam?

Contudo, é preciso coragem para organizar e analisar o que vivemos. Temos a chance de olhar para trás e pensar criticamente sobre o que foi vivenciado, articulando nossas experiências, conteúdos teóricos e partes de história de vida. Essa narrativa é um ótimo caminho para tornar público o que fazemos e as autoanálises sobre esses feitos, além de expandir o conhecimento produzido no nosso dia-a-dia.

O principal objetivo desse gênero textual é proporcionar ao autor uma reflexão crítica sobre sua atuação pedagógica. Identificar como os conhecimentos tácitos, articulados com os textos juntamente com o curso, foram se firmando na construção de uma identidade profissional, fazendo desta uma aprendizagem significativa.

Como ensina Nóvoa (1995), a formação da identidade é o momento de construir sua maneira de ser e estar na profissão, sendo certo que escrever, segundo Holly (1995), vai possibilitar uma análise, como base de discussão e colaboração com outras pessoas. Para Moita (1995), o que vai construir a identidade é a troca, a experiência, as interações sociais, as aprendizagens e até mesmo a mobilização do conhecimento em um diálogo com os contextos.

Esse processo fornece ao autor o significado das suas experiências de formação, permitindo-o ter consciência daquilo que conhece, bem como do que precisa aprender, além de atentar para a necessidade da formação do outro por quem é responsável.

Nesse contexto, importa justificar a escolha do memorial de formação. Ao chegar ao sétimo semestre, minha angústia sobre qual seria meu trabalho de conclusão de curso era grande. Eu tinha mil ideias, queria escrever sobre vários temas, mas a minha dificuldade era de escolher entre um deles, além de não me sentir tão tranquila sobre o que defender.

Ao pegar a matéria de Projeto, a professora Vera Fartes apresentou o memorial de formação como modalidade de trabalho de conclusão de curso, definindo seus objetivos e justificativas. A ideia me apeteceu de logo, já que eu iria escrever e defender sobre algo que eu gosto e vivencio. Vivência essa que eu tenho a necessidade de tornar pública, até para que as pessoas compreendam meu trabalho.

Sou professora de reforço escolar e sinto uma grande carência de literatura sobre a matéria. Por essa razão, tive o desejo de apresentar minha atividade diária como conteúdo de um tipo de texto privilegiado - um memorial -, mostrando as minhas inquietações, desafios, experiências e memórias de trabalho. Isto posto, através de uma pesquisa de campo, irei analisar o tema confrontado com uma base teórica, buscando uma compreensão aprofundada, além de trazer à tona todas as inquietações que possuo sobre a educação no Ensino Fundamental I.

Para tanto, no primeiro tópico, apresentarei uma reflexão sobre a importância na valorização da experiência docente. Em seguida, será analisado o reforço escolar e suas peculiaridades, passando sobre o conceito de aprendizagem, sua influência no desenvolvimento dos alunos e estratégias utilizadas para melhores resultados.

Já no terceiro capítulo, as minhas experiências enquanto professora de reforço escolar são os objetos de estudo, atendo-se a questões como o processo de alfabetização, minha experiência com o método alfabético, a influência da família na aprendizagem, a importância de aprender com outro colega, as consequências do aprendizado por memorização e a situação dos aprovados para as séries seguintes sem o domínio completo dos conteúdos essenciais.

Ressalte-se que, ao longo de todo esse tópico, as minhas experiências obtidas no meu ambiente de trabalho são cotejadas com as bases teóricas estudadas ao longo de meu curso de Pedagogia e ora analisadas, culminando numa reflexão acerca dos alunos sujeitos a esses aprendizados. Por fim, considerações são delineadas acerca do tema em debate.

1 EXPERIÊNCIA DOCENTE

Na elaboração do presente trabalho de conclusão de curso, deparei-me com o desafio de refletir sobre o saber docente, já que a descrição e análise das minhas experiências permeiam esse assunto. O professor possui objetivos que vão muito além de oferecer aos alunos conhecimentos específicos, de modo que a reflexão sobre suas ações constitui uma oportunidade de aprendizagem, podendo incorporar a transformação na sua prática.

Vejo a importância em retomar, como defende Gauthier (1998), certas ideias preconcebidas que acompanham a carreira do professor. Vale, contudo, esclarecer que a minha intenção não é a de valorizar os saberes decorrentes das experiências, mas analisar os fatos da vida com base nos assuntos abordados e desenvolvidos no ambiente universitário.

Vimos, durante muito tempo, pessoas afirmarem que, para ensinar, era preciso apenas dominar o assunto, reduzindo o saber do professor ao conhecimento do conteúdo da disciplina. Da mesma forma, havia quem dissesse que só era preciso ter talento e bom senso, resumindo o saber ao uso da intuição, sem se fundamentar em conhecimento para o exercício da profissão. Essas características são fundamentais em todas as profissões, mas preciso mais que isso.

Note-se que ensinar também não é só ter experiência; ela é importante, mas não pode representar o todo. É necessário também dominar conhecimentos para dar suporte à atuação no cotidiano. O ensino mobiliza esses e outros saberes que formam os pilares de sustentação do professor, auxiliando na solução de situações concretas da aula. Mas como entendemos o saber?

Gauthier (1998) diz que o saber foi definido a partir de três concepções distintas. A primeira delas identifica a subjetividade como a origem do saber. Defensor dessa corrente, Descartes (*apud* Gauthier, 1998) afirmava que o saber era um diálogo

interno caracterizado pela racionalidade, de modo que a certeza subjetiva agiria unida ao pensamento racional.

Já a segunda concepção unifica o saber ao juízo, ou seja, são os juízos dos fatos que agem sobre o objeto. A última delas associa o saber à argumentação, assim, ele é formulado através da prática discursiva, no qual ele buscará reconhecimento através de debates com a comunidade.

Analisando-se as três concepções de saberes, entendo que os professores têm que entrelaçar todas elas na busca por seus objetivos, julgando fundados em razões que os permita argumentar com os doutrinadores da área.

Segundo Tardif (2002) um professor (a) é alguém que compreende certo fato e cujo papel consiste em transmitir esse saber a outros. Todavia, nossa relação com os saberes não se limita à transmissão dos conhecimentos já formados, nosso exercício unifica um saber plural originário da formação profissional, disciplinar, curricular e experiencial. Gauthier (1998) acrescenta ainda os saberes das ciências da educação, da tradição pedagógica e da ação pedagógica ao mencionado rol.

Os saberes profissionais podem ser resumidos naquele conhecimento que é transmitido pelas instituições de formação, ao passo que os saberes pedagógicos são ensinamentos derivados de reflexões sobre a prática educativa. Os saberes disciplinares são os conhecimentos sociais transmitidos pela instituição universitária, independentemente do curso; já os saberes curriculares são os objetivos, conteúdos e métodos que nós, professores, devemos aprender para aplicar no dia a dia. Por fim, os experienciais são os que se baseiam em seu trabalho no dia a dia.

Os saberes da ciência da educação são aqueles que o professor adquire durante a sua formação, ou seja, o conjunto de informações a respeito da escola que está acessível a todos os cidadãos. Os de tradição pedagógica são ações antigas que servem como molde para a prática escolar, sendo modificado e adaptado pelo saber experiencial. Já o saber da ação pedagógica é definido como a publicação das

experiências pessoais comprovadas por meio de pesquisas; ressalta-se que este é o saber menos difundido da área.

É importante notar que um saber se articula com o outro, não podendo existir sozinho, por isso um bom profissional é aquele que domina, integra e mobiliza esses saberes para sua prática.

Tardif (2002), sobre os saberes profissional, disciplinares e curriculares dos professores, leciona que nós somos transmissores, mas não produtores desse conhecimento. Segundo o mencionado doutrinador, “eles aparecem como produtos que já se encontram consideravelmente determinados em sua forma e conteúdo [...]”. (TARDIF, 2002, p. 40)

A pesquisa do referido autor indica, ainda, que, como nós não conseguimos controlar esses saberes, produzimos outros que envolvem e dominam a prática de ensino, como reação direta a esse fenômeno. “Os saberes experienciais é o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos.” (TARDIF, 2002, p. 48)

É, pois, possível afirmar que o professor não só aplica um saber produzido pelos outros, como constrói parte dele no exercício de sua atividade. Mas há que se ter em mente que seu saber está voltado para a prática e não para fins teóricos.

Nossa prática pedagógica é também adquirida fora das instituições universitárias, eis que somos, ao mesmo tempo, sujeito e produtor de conhecimento, já que esse exercício faz com que acumulemos saberes que servirão como intervenção profissional. A experiência docente começa com nossos experimentos ao longo da nossa vida, desde a vivência com antigos professores até a vivência docente.

Vejo como a matriz principal para a construção desse saber é a convivência com os alunos. Com ela será colocado em prática o que lhe foi ensinado nas instituições e

definido no seu cotidiano. É nesse momento que podemos refletir sobre o que funciona ou não, bem como aquilo que precisa ser adaptado para as necessidades daqueles alunos.

No exercício cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis. (TARDIF, 2002, p. 49)

A construção do saber com outros professores também é muito significativa, por isso a necessidade de compartilharmos nosso trabalho diário. Produzimos práticas que podem ajudar a solucionar uma dificuldade do colega e vice-versa, mostrando que somos produtores de conhecimentos. A transmissão desse saber exige respeito, pois é com eles que acontecem as ressignificações e reorganizações do que cada um de nós aprendeu. “A experiência fundamental tende a se transformar, em seguida, numa maneira pessoal de ensinar, em macetes da profissão, em *habitus*, em traços da personalidade profissional.” (TARDIF, 2002 p. 51)

Somos nós, professores, que estamos praticando no dia a dia, e essa atividade produz um saber necessário, ainda que desvalorizado pela universidade, instituições de pesquisas e autoridades educacionais. O que precisamos nesse momento é de tempo para refletir sobre nossas ações, espaços para dividirmos nossas experiências e compromisso para aprimorá-la.

Nesse sentido, concordo com o ensinamento de Gauthier (1998) para quem a pedagogia só irá adquirir seu papel quando o saber experiencial se estabelecer ligado ao saber público legitimado. Refletir sobre si mesma torna-se um lugar de permuta entre os profissionais, sendo preciso unificar a pesquisa e a prática em uma perspectiva de abertura de acesso ao mundo dos pesquisadores e dos práticos.

Com isso, apresento nesse memorial minhas experiências como professora de reforço escolar com alunos de diferentes idades e classes sociais. Quero revelar meus saberes experienciais e disciplinares, tornando-os públicos a outros colegas. Através da pesquisa de campo irei analisar essa atividade prática com base nos

ensinamentos teóricos, com o objetivo de melhor compreender seu alcance e consequências, além de trazer à tona todas as minhas inquietações sobre a educação no Ensino Fundamental I na minha realidade.

2 O REFORÇO ESCOLAR E SUAS PECULIARIDADES

Minhas dúvidas sobre qual profissão seguir se tornaram mais fortes no terceiro ano; mas, no Salesiano, escola onde concluí o ensino médio, foram feitas algumas atividades para ajudar na escolha. Fato é que, entre aquelas que me apresentaram, eu escolhi a psicologia.

Após concluir minha inscrição de vestibular da UFBA, fui conversar com uma amiga de infância chamada Renata e contei sobre minhas dúvidas acerca dessa escolha profissional. Conforme previsto, ela indagou as razões que me levaram a optar por psicologia. A minha resposta se baseou no critério de identificação, ou seja, entre os cursos que a escola me apresentou, esse foi o que eu mais me identifiquei.

Por causa disso, ela me aconselhou a pesquisar sobre Pedagogia e depois dizer o que eu achava. Seguindo sua indicação, fiz minha pesquisa, e a cada texto que eu lia eu ficava mais encantada com o curso. Depois de ter lido bastante, fui ao encontro dela pra dizer que eu gostei muito de sua sugestão. Ela disse que assim o fez porque me viu crescer ao lado de minha mãe, que dava aulas de reforço escolar e, em toda e qualquer oportunidade, eu tomava a frente dela e ensinava. Ela disse que por conta disso não havia entendido o porquê de minha escolha ser psicologia, já que sempre me viu sendo interessada por pedagogia.

Perdi no meu primeiro vestibular e, quando não me vi na lista de aprovados, já saí do quarto pedindo para que os meus pais me matriculassem em um cursinho, pois eu ia tentar a UFBA novamente, só que, dessa vez, para pedagogia. E assim foi feito.

Entrei na faculdade cheia de expectativas, ficando maravilhada com as matérias de psicologia da educação, organização da educação brasileira, história da educação brasileira, avaliação da aprendizagem, arte educação, alfabetização e letramento e os estágios.

No quinto semestre tive a oportunidade de estagiar em uma empresa, na qual eu dava apoio pedagógico às crianças com dificuldades na aprendizagem. Foi assim que me encantei em fazer um trabalho individualizado, baseado nas necessidades de cada criança. Assim, ao sair de lá, comecei a trabalhar em casa com alunos em um reforço escolar, elaborando atividades que os ajudassem a acompanhar os conteúdos escolares e retomando assuntos para aqueles que ficaram defasados em sua trajetória escolar.

É preciso deixar claro que é esse trabalho que me traz satisfação pessoal na área de educação, e é por causa disso e dos seus resultados que eu gostaria de apresentá-lo mais detalhadamente pra vocês.

O reforço escolar são aulas ministradas no turno oposto ao da escola, com o intuito de recuperar conteúdos e valores perdidos no momento da aula. O ensino é avaliado pela aprendizagem, com o intuito de assegurar que o mesmo possa produzir aprendizado de forma eficiente.

Com um atendimento individualizado, o reforço tem por objetivo atender a cada particularidade do aluno, seja por problemas de âmbito interno ou externo ao ambiente escolar. O suporte dado vai se desenvolvendo até o momento em que ele assume sua atividade sozinho, quando a presença do mediador passa a ser mera confirmação de que ele está seguindo o caminho certo.

Essa mediação leva a um aprendizado de qualidade, pois vai estimulando a autonomia do aluno. Assim, ele poderá utilizar seus ensinamentos por si só, na prática, ou em novas aprendizagens e, a partir de sua própria experiência, construir determinado conhecimento, personalizando-o.

O reforço escolar, como o próprio nome diz, é um instrumento de auxílio que deve ser somado com as abordagens em sala de aula, não devendo ser utilizado como atividade desligada do cotidiano do aluno. Em razão disso, é preciso que a sua

prática seja incentivada, para que todos tenham oportunidades iguais de aprendizagem.

O acompanhamento no reforço escolar vai dar visibilidade aos problemas de aprendizagem enfrentados pelos os alunos, chegando a amenizar alguns deles, ou ainda, estimular o aprendizado em sala de aula. Rompendo as desigualdades de raciocínio, os educandos adquirem as competências desejadas para acompanhar o ritmo nas aulas regulares, enriquecendo seus conhecimentos e vivências culturais e sociais.

Os regentes de ensino, muitas vezes, possuem uma grande quantidade de alunos em sua sala de aula, por isso não consegue dar atenção especial àqueles que estão com um nível de aprendizagem baixo, e dão seguimento às suas aulas como se eles fossem invisíveis. Em razão disso, as dificuldades são acumuladas, com a consequente piora do quadro de defasagem do aluno, a ponto de ele se sentir incapaz de estar naquela turma.

Quanto mais as aulas de reforço utilizarem um aprendizado que aproxime o aluno do seu dia-a-dia, mais ele será aperfeiçoado. Por isso a importância do sujeito poder se relacionar com seu ambiente, para ele poder aplicar o que aprendeu.

Quando o aluno chega ao reforço, primeiro é observado como ele executa suas atividades escolares. Em seguida, é aplicada uma atividade para diagnosticar o seu nível de aprendizagem. Esta atividade tem o intuito de mapear as suas principais dificuldades no acompanhamento das aulas. Ao constatá-las, são aplicadas atividades diferenciadas para envolver o aluno de forma participativa.

É relevante que o docente adote uma metodologia flexível para orientar as mudanças de estratégias pedagógicas, pois um aluno pode se desenvolver com tal atividade, mas o outro não, podendo surgir várias formas de absorção do mesmo assunto. O docente precisa estar atento para mudar a atividade quando se fizer necessário, para que o aluno entenda o sentido de aprender e a importância da

busca e construção de conhecimento, promovendo um aprendizado significativo, com base nas características de cada aprendiz. O que é dado de forma significativa para um, pode ser uma forma mecânica para outro, por isso é que o aluno recebe um tratamento individualizado, no qual se valoriza a aprendizagem singularmente considerada.

Para que as aulas de reforço alcancem seus objetivos, é necessário planejamento, metodologia, estratégias e definições de meta, ligados aos objetivos curriculares, planos de conteúdos e matérias auxiliares. Da mesma forma, é preciso o trabalho em conjunto com pais e escola e um bom professor que passe suas orientações com clareza, propiciando caminhos para uma participação significativa durante suas aprendizagens, para que a ação possa ser desenvolvida com sucesso.

Como visto, esta atividade pode ser definida como um conjunto de aulas em que os alunos requerem uma atenção individualizada e, como tal, a quantidade de discentes em uma sala destinada a reforço escolar deve ser reduzida.

Este, todavia, não é um trabalho que se resume a conteúdos escolares, em que o discente senta, recebe os assuntos e vai embora. Mas um trabalho que, além de ensinar, trabalha com as dificuldades dos alunos, transmite segurança e valores sociais.

O público envolvido no reforço escolar em que atuo é formado, em regra, por alunos de classe média baixa, atendendo uma clientela da região do bairro de Brotas. São oriundos de famílias assalariadas, que podem oferecer às crianças uma vivência digna.

A procura pelo reforço escolar pode ser motivada por fatores externos e internos, tais como desestrutura familiar e/ou a metodologia aplicada em sua sala de aula, que em nada auxilia o discente a seguir o ritmo de aprendizagem. Note-se que esses pontos devem ser considerados no planejamento das atividades destinadas ao reforço.

Um dos problemas mais enfrentados ao ministrar minhas aulas é a falta de participação dos pais. Eles matriculam seus filhos nas aulas de reforço e simplesmente os esquecem, como se a responsabilidade de educá-los fosse repassada para mim e seu suporte não fosse importante.

Outra grande dificuldade é a falta de paciência em ver seus filhos progredindo, sendo que sua análise se baseia unicamente nas notas. Assim, se as crianças chegam ao reforço escolar com notas entre 3 a 5, ou mesmo na média, elas têm por obrigação tirar 10 em todas as matérias na unidade seguinte; se assim não ocorrer, os pais acham que essa atividade não está ajudando o aluno em nada, apesar de o mesmo apresentar melhoras significativas na aprendizagem e na concentração, entre outros aspectos.

Na sua maioria, não existe uma preocupação em ver o progresso do filho, em saber quais são suas dificuldades ou como eles (pais) podem ajudá-los. Ressalte-se que, muitas vezes, a participação na vida escolar da criança se resume em analisar o boletim, dizer se está bom ou ruim, sem que haja qualquer diálogo.

O que muitos pais não conseguem entender é que o reforço escolar existe para auxiliá-los, não para assumir a sua responsabilidade. Em razão disso, estou sempre em contato, com o intuito de sensibilizá-los quanto à importância de sua participação no processo de ensino e aprendizagem.

Os alunos passam a apresentar em sala de aula um progresso, dando importância às atividades, melhorando no comportamento, além de contribuir para a autoestima dos mesmos. Desfeito o pessimismo, eles passam a acreditar em sua própria capacidade, pois tiveram para si a atenção necessária para se desenvolver.

Eles desenvolvem bons hábitos de estudos, gerenciando melhor o seu tempo, organizando seu material escolar e preparando-se para as provas com antecedência, desenvolvendo, assim, sua autonomia educacional.

Esse estudo foi desenvolvido por mim, com base nas experiências adquiridas no estágio do 5º semestre da faculdade e dilemas que via minha mãe enfrentar ao dar aula. Isto posto, acredito ser necessário entender o que é aprendizagem e quais são seus processos, a fim de auxiliar na compreensão do meu processo de formação como professora de reforço escolar.

2.1 O CONCEITO DE APRENDIZAGEM

Existem diversas definições do que é aprendizagem, sendo que cada uma se baseia em aspectos centrados na teoria em que as sustenta. Felix Dias (2011) resume aprendizagem como um processo mediante o qual o indivíduo adquire informações, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para construir, de modo progressivo e interminável, sua representação do interno e do externo, numa constante inter-relação biopsicossocial com seu meio, através da ajuda proporcionada pelos outros.

Segundo Galperin (*apud* DIAS, 2011, p. 119), o aprendizado é qualquer ação que tenha como efeito a formação de novos conhecimentos, habilidades e hábitos ou então que leve ao aperfeiçoamento desses aspectos. Com isso, o próprio aluno eleva seu conhecimento, motivado por algum objetivo fora dele, de modo que o saber vai ser resultado direto de elementos alcançados por ele ou de acontecimentos apresentados pelo ambiente. Nesse processo, adiciona ou subtrai dados, a partir de sua experiência de aprendiz, refletindo, sentindo e atuando; e, assim que seu conhecimento estiver estruturado, seu produto final será a aprendizagem.

2.1.1 Teoria sócio-histórica e cultural da aprendizagem e do ensino (VYGOTSKY)

A aprendizagem é um processo complexo, pois mistura fatores internos e externos:

- a) no interno encontramos a interação do cognitivo, afetivo e comportamental, além do biológico, com a maturidade nervosa e o funcionamento de todo o organismo; b)
- no externo, encontramos a influência social na aprendizagem.

Denominados de teorias da aprendizagem, há modelos que objetivam explicar o processo de aprendizagem do aluno. Para o Behaviorismo ou pensamento comportamentalista, por exemplo, a aprendizagem é definida como a aquisição de um novo comportamento. Já para a teoria cognitiva, o conhecimento é construído através da interação do sujeito com o meio em que vive, com dependência das estruturas cognitivas.

Diante dessas e outras teorias, resolvi me aprofundar um pouco na tese defendida por Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 2002), por ter sido a mais completa para o meu estudo, já que para ele o sujeito se forma durante sua relação com o outro.

Baseada na leitura do livro “o processo de aprendizagem e seus transtornos” do autor Felix Diaz (2011), todo resultado do conhecimento está intensamente unido aos elementos oferecidos pelos outros ou pela relação com o meio em que vive, por isso o sujeito não pode ser estudado independente de sua história e cultura local. Todos aprendem a mesma coisa, mas a forma como vai manipular essa informação dará a esse conhecimento um autenticidade pessoal, assim todos dominarão esse saber, porém em níveis diferentes.

O desenvolvimento é todo o caminho por que passa o ser humano desde seu nascimento até o fim da vida. Tanto o desenvolvimento biológico como o psicossocial está ligado à capacidade de reflexão do sistema nervoso e do cérebro, que permitem com uma maior ou menor eficiência encontrar os estímulos ambientais. Com isso, o aluno necessita de uma determinada maturidade nervosa para alcançar tais níveis de conhecimento.

Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 2002) esclarece que o fato de o aluno não chegar a determinado ponto da aprendizagem pode estar ligado a fatores externos (metodologia, professor, condições etc.) ou a fatores internos (falta de maturidade nervosa). O autor afirma que existem diferentes níveis de maturidade nervosa, razão pela qual, nos primeiros anos de vida, a criança não está apta para aprender

determinado conhecimento. Contudo, ela possui essa capacidade, ainda que incompleta, que pode ser estimulada adequadamente para aproximá-la do aprendizado. São essas etapas que Vygotsky inclui na zona de desenvolvimento proximal.

A zona de desenvolvimento proximal é um conceito elaborado por Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 2002), que determina a distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial apresentado pelo aluno. A zona de desenvolvimento potencial inclui as capacidades que se encontram em plena formação. Estas irão lhe servir de base para, com ajuda de outras pessoas, dominar a resposta correta, passando, então, para a zona de desenvolvimento proximal. Quando a criança domina o conhecimento e faz as coisas sem orientação do outro, ela se encontra na zona de desenvolvimento real, verificando a aprendizagem.

Dessa forma, o real é o que a criança faz sozinha, enquanto o potencial é o que ela faz sob orientação dos outros, já o proximal é o intermediário, ou seja, aquelas funções que estão amadurecendo. É exatamente na zona proximal que o professor deve descobrir o que o aluno ainda não desenvolveu por completo, para poder estimulá-lo a chegar na zona real.

Como é de observar, o conceito de “zona de desenvolvimento proximal” está intimamente relacionado com o conceito de Mediação. “Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”. (OLIVEIRA, 2002, p. 26).

Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 2002) afirma que a melhor forma de se assegurar o aprendizado se dá através da utilização da mediação, economizando-se, com isso, tempo e esforço. Contudo, é importante que o professor saiba em que zona de desenvolvimento o aluno está, pois cada uma delas exigirá uma postura diferenciada do docente. Exemplificando: a) caso ele esteja na zona potencial, não se deve estimular com ajuda para que ele responda, pois, assim, o discente não aprenderá;

já no nível proximal pode-se induzi-lo a construir a resposta, pois ele terá a capacidade de dar um significado e aprender.

Quando o aluno está na zona real, sua resposta será praticamente imediata, com uma qualidade aceitável, podendo passar assim para conteúdos mais complexos. Caso o aluno não responda imediatamente, ou erre várias vezes tentando chegar à resposta, é sinal que seu conhecimento está incompleto, de modo que se forem oferecidas as ajudas correspondentes e o aluno compreender, assimilar e chegar pelo menos perto da resposta, é um indicativo que está na zona proximal. Se, apesar da ajuda, o aluno não alcançar a resposta correta, depreende-se que ele se encontra na zona potencial.

2.2A INFLUÊNCIA DA APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS

Quando identificamos a zona de desenvolvimento em que o aluno se encontra, devemos estimulá-lo e motivá-lo a encontrar a resposta final. Segundo Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 2002), o ensino deve centrar seus esforços na motivação dos alunos, sendo ela essencial para sua aprendizagem, uma vez que, através daquela, o discente sentirá a necessidade de aprender e atribuirá um significado para aquilo que foi absorvido.

Para isso é importante que as atividades propostas exijam pouco esforço, tenha alguma utilidade e vão de encontro aos seus interesses, para que, na medida em que forem resolvendo as atividades, eles sintam a necessidade de algo mais complexo e sintam o prazer por resolver. Da mesma forma, é preciso um ambiente em que ele se sinta integrado, sejam respondidas todas as suas dúvidas e que o próprio professor seja uma pessoa motivada para servir como modelo. O ensino só tem sentido quando interfere na aprendizagem, por isso é importante avaliar como o professor ensina e perceber como o aluno aprende.

2.3 ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

Cada indivíduo é um ser único, por isso cada um desenvolve sua estratégia para elevar ao máximo o seu aprendizado. Mas o que seriam as estratégias de aprendizagem? “As estratégias de aprendizagem são técnicas ou métodos que os alunos usam para adquirir a informação” (DEMBO, 1994). No mesmo sentir, Boruchovitch (1999) ensina que elas são definidas como artifícios que se escolhe com a intenção de facilitar a realização da aprendizagem. Good e Brophy (1986) organizaram cinco tipos de estratégias de aprendizagem que foram identificadas por Weinstein e Mayer (1985), são elas: estratégias de elaboração, de ensaio, monitoramento, organização e estratégias afetivas.

A estratégia de elaboração é a realização de conexões entre o material novo a ser aprendido e o antigo (criar perguntas e responder, reescrever, resumir). A de ensaio implica em repetir tanto pela fala quanto pela escrita o material aprendido. A de monitoramento envolve o aluno tomar consciência do que ele está sendo capaz de absorver do assunto que está sendo ensinado. A de organização implica em subdividir o material, seja criando tópicos ou mesmo diagramas. E a afetiva refere-se ao controle dos sentimentos, seja se mantendo motivado, concentrado ou, ainda, controlando a ansiedade para um melhor aprendizado.

Claro que o aluno pode desenvolver mais de uma estratégia para seu estudo. Contudo, ele se baseia em uma que teve um resultado melhor e, a partir daí, só modifica alguns elementos para aperfeiçoar seu uso. Quando ele descobre qual estratégia é mais adequada pra ele, desenvolve técnicas de estudos individuais e aos poucos se desliga do mediador.

Meu trabalho no reforço escolar tem como objetivo proporcionar um aprendizado de qualidade através da mediação, estimulando o aluno e mostrando sempre o quanto é importante estudar. Procuro sempre identificar qual a melhor estratégia de aprendizagem para aqueles que possuem dificuldades em assimilar um determinado assunto, apresentando-a e fazendo com que ele a transforme em pessoal, para que assim possa estudar sozinho e ter uma boa qualidade no seu aprendizado.

Ante ao exposto, no próximo capítulo, irei apresentar alguns dos meus alunos, suas dificuldades e as técnicas que utilizo para melhorar seu aprendizado de forma que ele não se distancie do que estar sendo ensinado no ambiente escolar.

3 MINHAS EXPERIÊNCIAS COMO PROFESSORA DE REFORÇO ESCOLAR

3.1 REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Minha primeira inquietação como professora de reforço escolar se deu no campo da alfabetização. Isso porque, quando estudei a matéria de alfabetização e letramento no curso, não conseguia entender a razão pela qual o método tradicional era tão criticado, já que todos nós fomos alfabetizados por ele e hoje sabemos ler, escrever e interpretar.

Ao me deparar com a experiência em alfabetizar comecei a dar sentido a todos àqueles ensinamentos, de modo que o presente memorial tem por objetivo apresentar os conceitos ligados à alfabetização e os resultados práticos no reforço escolar que ministrei.

Segundo Oliveira (2003), cujo conceito é o mais rigoroso, alfabetizar significa instruir o aluno a compreender o código alfabético (transformar letras em sons e vice-versa). O conceito amplo assinala que a finalidade vai à frente da decodificação, pois ler e escrever tem como fim promover a compreensão do sentido da palavra e do texto no contexto.

Já o sentido prático entende alfabetizar como o momento de aprender a ler, e o restante da escolaridade como a ocasião em que a leitura vai levar ao aprendizado. Esse conceito deixa claro o instante em que o processo de alfabetização acaba e quando começa o processo de usar a capacidade de ler para aprender.

Alfabetização vai além do reconhecimento de um conjunto de famílias silábicas, eis que alfabetizar é transformar o código escrito em uma rede de significação, é formar alunos críticos capazes de interagir na sociedade para fazer parte do círculo social.

As técnicas para alfabetizar evoluem de acordo com as necessidades sociais. Com o decorrer do tempo surgiram vários métodos de alfabetização que abordam essencialmente as habilidades referentes a aprender a ler. Oliveira (2002) nos apresenta o método alfabético como o mais antigo, inventado pelos gregos há cerca de 2.500 anos. Ele se inicia a partir da letra, assim, os alunos aprendem as letras do alfabeto e vão juntando com o objetivo de formar palavras. O método bê-á-bá é herdeiro dessa tradição.

O outro método que o autor expõe é o fônico, introduzido por volta do século XVI. Ele começa do som e foi o primeiro a reconhecer dois fatos fundamentais: a correspondência entre letra/som não é perfeita e a unidade básica é o fonema e não a letra.

O último foi o método global, surgido por volta do século XVII. Esse método preconiza o ensino a partir da unidade significativa, a palavra. Os diversos métodos oriundos do global partem de palavras, frases, parágrafos ou textos, sendo que o que irá variar será o tamanho da unidade inicial.

Moll (1996) assevera que todos esses métodos partem das competências de síntese e análise, de modo que a primeira tem a intenção de juntar, e a última de separar. A autora acrescenta que os métodos sintéticos iniciam-se de partes menores da fala (fonema, sílaba, letra) para chegar às palavras, frases e textos; como no método alfabético em que se aprende primeiro as letras, depois a formar a sílaba, para só então formar palavras que constroem o texto. No fonético, o aluno parte do som das letras, unindo o som da consoante com o som da vogal.

“Os métodos sintéticos conduzem a uma decodificação automática, que pode provocar o desinteresse da criança pela leitura e o consequente afastamento da realidade social.” (MOLL, 1996, p. 55)

O analítico adota o artifício contrário, partem de unidades completas de linguagem para depois dividir em partes menores. Procura uma alfabetização significativa, mas

centra a atenção em estratégias visuais; se assemelha ao método global, que trabalha com várias unidades de leitura com começo, meio e fim desenvolvendo um enredo de interesse da criança.

Neste capítulo, detenho-me a apresentar e problematizar os principais aspectos do método alfabético, centrada na minha experiência como professora de reforço escolar.

Um dos suportes para o método alfabético era alfabetizar através da cartilha. O autor Cagliari (2007) ensina que, historicamente, a palavra “cartilha” veio da palavra “carta”. Cartilha era um diminutivo de “carta” porque antigamente se usava o método das cartas para alfabetizar.

Como o referido método se baseava no conhecimento das letras, o objetivo era decorar o alfabeto e reconhecê-las, de modo que o aprendizado era oferecido de forma dividida, onde primeiro ele dominava o alfabeto, depois as vogais e consoantes, depois começavam a unir sílabas simples, para só então formar palavras, frases e textos, partindo das partes para o todo.

O aluno seria estimulado a aprender o som e a grafia das letras, por meio de etapas, ou seja, do mais fácil para o mais difícil, usando sílabas geradoras na construção de palavras, o famoso “bá-bé-bi-bó-bu”. Contudo, esses tipos de exercícios fazem com que o aluno aprenda através de repetições, exigindo-se o uso da memória para levar o aluno a decorar. Como o eixo central é montar sílabas, não há preocupação no sentido das frases, e sim na escrita ortográfica.

Normalmente a cartilha é o único material de trabalho, os textos são curtos, com frases simples e desvinculadas do cotidiano do aluno. Dificilmente se utilizam outros materiais, como jornais, revistas, livros de história. Cagliari (2007) lembra que os textos das cartilhas eram apenas desculpas para controlar as dificuldades de leitura de palavras, vez que artificiais, ou seja, não utilizavam o palavreado legítimo das crianças.

3.1.1 A aluna Amanda

Amanda tem sete anos e é aluna do 1º ano do ensino fundamental da rede particular. Estuda em uma escola de bairro de médio porte e sua mãe procurou o reforço escolar porque a professora da escola disse que ela não estava conseguindo acompanhar os outros colegas na leitura, o que demandaria a intervenção de outro profissional. Os seus dias no reforço são segundas, quartas e sextas, das 13h30min às 15h30min. Note-se que a ideia inicial era ela poder vir todos os dias, contudo, Amanda tem ballet e natação nas terças e quintas, atividades essas que sua mãe não quis abrir mão.

As atividades de Amanda eram xerocadas acompanhando o método da cartilha. Possuía um banco de palavras da sílaba geradora, no qual ela deveria ler. Depois vinham umas três palavras do banco de palavras, um desenho vinculado e ela tinha que recopiar a palavra. Logo abaixo tinha um ditado daquelas palavras nas linhas de caligrafia. Às vezes tinha um texto, abaixo do qual vinham as frases incompletas para ela colocar a palavra que faltava, outras vezes as palavras vinham para que ela separasse as sílabas ou, então, faltava a sílaba inicial para ela ligar as outras formando novas palavras. Poderia, ainda, vir um caça-palavras, sempre ligado ao banco de palavras das sílabas geradoras. Todas as vezes que era preciso responder, era naquela caixinha de caligrafia, com o limite máximo de três linhas, nas quais era preciso respeitar o espaço das letras. As atividades se repetiam todo dia assim.

Amanda não conseguia ler por uma questão simples, ela sabia que o “B” abraçando o “A” (que a professora ensinou) era “BÁ”, contudo não sabia reconhecer o B na grafia. Assim ela precisava sempre de alguém para dizer que letra era aquela no papel, para então formar o som das palavras. Fui notando que Amanda aprendeu pelo método alfabético, contudo pulou a fase de reconhecimento das letras e assimilou o aprendizado das sílabas, por isso era uma aluna que não conseguia acompanhar o aprendizado de outros colegas.

A professora observou a falta de conhecimento da aluna em algumas letras, contudo, continuava passando atividades para casa nas quais a aluna não se desenvolvia. Amanda precisava copiar várias vezes a mesma letra nas linhas de caligrafia.

Assim como sua professora lhe ensinou através de um método, Amanda também desenvolveu um método para responder seus deveres de casa. Como as atividades eram só cópias, ela só se importava em copiar com a letra mais bonita possível, achando irrelevante sua leitura. Também tive a oportunidade de observar a mãe de Amanda ensinando-lhe o dever, sendo que quando a criança não sabia que palavra copiar, indagava a mãe que lhe apontava a palavra certa para ela transcrever.

Minha primeira preocupação com essa aluna foi mostrar a importância da leitura. Iniciei um diálogo com Amanda, abaixo transcrito:

Eu: Amandinha, você não quer aprender a ler sozinha?

Amanda: Para que?

Eu: Para fazer suas atividades sozinha, entender o que aquela historinha quer dizer, ver o nome da boneca...

Amanda: Eu não preciso, minha mãe lê para mim.

Eu: E se sua mãe não estiver?

Amanda: Meu pai lê e se não for meu pai, vai ser minha irmã, ou meu tio, ou meu padrinho, ou a menina que trabalha em minha casa.

Eu: Se for assim, então você sempre vai precisar que alguém esteja com você. E se você quiser ler uma historinha e todo mundo estiver ocupado?

Amanda ficou pensativa

Eu: E se você quiser escrever uma cartinha para sua mãe? Vai pedir para seu pai escrever?

Ela continuou pensativa.

Eu: Chegue em casa e pense nisso, amanhã conversamos mais sobre o assunto tá?

Ela concordou com a cabeça e voltou a fazer sua atividade.

Nesse dia não passei dever extra para Amanda e deixei que ela respondesse a atividade escolar pelo método dela, a fim de que ela pudesse perceber que não fazia ideia do que estava escrevendo e ficar mais curiosa para descobrir.

Na aula seguinte ela chegou dizendo que precisava conversar comigo, e quando a questioneei, ela disse que queria aprender a ler porque ia ser estilista e não poderia precisar da mãe dela até quando estivesse grandona. Dei um sorriso para Amanda, e disse que ela iria aprender a ler porque ela era muito inteligente e sua letra era linda.

Peguei dois papéis, um com o alfabeto maiúsculo e outro com o minúsculo e pedi para Amanda me dizer só as letras que ela sabia, no maiúsculo ela não tinha tanta dificuldade, mas o minúsculo era um enigma. Logo após terminar ela me perguntou se seria preciso escrever cinco vezes aquelas letras que ela não sabia, e eu respondi que não.

Como Amanda já tinha iniciado sua alfabetização com o método alfabético, não quis me afastar muito da sua realidade escolar, mas também notei que aqueles deveres trazidos da escola não a desenvolviam. Comecei a trabalhar com massa de modelar, pedindo para ela escolher uma cor, enquanto eu escolhia outra, com ela eu construía a letra B, por exemplo, e minha maior preocupação era ela reconhecer a letra, por isso antes de eu construir eu dizia que letra iria fazer, e quando ela fazia a dela eu perguntava que letra era.

Outra técnica que usei foi melando nossos dedos na tinta e, em conjunto, ir construindo a letra, além de procurar os vários B na revista e colar em uma folha ofício. Após essa fase de reconhecimento das letras voltamos a leitura, aquela que sua professora da escola cobrava. Amanda foi alfabetizada com B abraçando o A forma o BA. Ela tinha o costume de fazer sua leitura desta forma, exemplo BONECA, ela falava B abraça o O é BO, N abraça o E NE e o C abraça o A é CA, assim a criança achava que já tinha construindo sua leitura dizendo as sílabas separadamente.

Mostrei a ela que as palavras só tinham um significado com as sílabas juntas, pois ela não tinha uma “BO – NE – CA”, ela possuía “BONECA”, por isso ela precisava falar todas elas de vez. Às vezes quando ela chegava na última sílaba, esquecia qual havia sido a primeira, e precisava soletrar tudo novamente. Deixei ela se desenvolver sozinha, mostrando a ela que se fosse preciso poderia voltar e fazer de novo, bem como que se tivesse dúvida da letra perguntasse.

Após esse entendimento de que ela precisava falar as sílabas todas juntas sem pausa, comecei a pedir para Amanda que não repetisse o método do “B abraça o A é BA” em voz alta, guardando a informação para si, a fim de falar todas as sílabas de uma vez. Outra intervenção que fiz foi evitar que ela copiasse a atividade toda, já que ela sabia ler porque não fazer a leitura do dever? Aqueles deveres que eram meras cópias de palavras, comecei a cobrir com um estojo e eu dizia oralmente, no início falava pausadamente para ela entender o som de cada sílaba e escrever, mas na medida em que ela foi se desenvolvendo passei a falar mais rápido. Nos olhos dela era possível ver o desafio, e aos poucos ela começou a se interessar por aqueles deveres que antes eram chatos de copiar.

Aos poucos fui me afastando de Amanda, mostrando pra ela que, como ela já sabia ler não era preciso que alguém fizesse isso em seu lugar. Para minha surpresa pude presenciar ela lendo, cobrindo com o estojo e tentando falar as sílabas para escrever naquelas atividades que eram de ler e copiar. E eu tive a satisfação de dever cumprido, já que hoje essa aluna sabe ler e entende a importância dessa leitura na vida dela.

3.1.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Amanda

O que pude observar é que o método de ensino sobrecarregava a aluna de informação e não tinha nenhum significado. Através da memorização e repetição ela não conseguia pensar e agir por si mesma, já que ela foi alfabetizada por regras. Por isso, toda vez que precisava construir frases, eram sempre parecidas com que a

professora ensinou, evitando inovar. Mas é preciso salientar que a grafia da aluna era super legível.

Notei a contradição que Cagliari (1998) cita em relação à cartilha, em que é ensinado a silabar para que depois leiam com fluência, uma vez que esse era um dos pedidos da professora para aluna. A docente dizia que ela não estava lendo certo e a criança não tinha ideia do que estava fazendo de errado, quando, em verdade, tudo que queria que Amanda aprendesse era ler sem silabar. O que mais me incomodava era que esse método não satisfazia as curiosidades da aluna, pois ela tinha obrigação de aprender uma lição após a outra, deixando lacunas no aprendizado. A aluna lia os textos primeiro para decifrar as palavras e só depois tinha sua compreensão, além de não apresentar os vários gêneros textuais.

Eu não creio que exista um método que funcionará impecavelmente para todos, contudo, acredito que o método não pode deixar de responder às expectativas dos alunos, nem desmotivá-los pelos estudos, em razão da obrigação de trazer um bom resultado. “Método é ferramenta e um bom artista com uma ferramenta inadequada não consegue obter os resultados desejados.” (Cagliari, 2007, p. 65)

O professor sempre irá se apoiar em uma determinada teoria, contudo não sou a favor de segui-la a risca. Considero importante observar a reação da turma e até de alunos isolados para aprimorar a teoria e assim conquistar o discente para que ocorra um aprendizado de qualidade. E volto a concordar com Cagliari (2007, p. 65) quando ele diz que “o professor precisa de uma ação sólida, abrangente, atualizada e adequada a sua tarefa”. Não satisfaz observar o que os alunos aprenderam ou não, é preciso saber como atuar para resolver tal dificuldade.

3.2 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM

A abordagem desse tema é necessária para que possamos compreender a importância dos fatores motivacionais no processo de aprendizagem. A motivação irá auxiliar o aluno na busca pela consecução dos seus objetivos. As crianças se

mostram muito mais interessados quando notam que são valorizados e recebem apoio para seguir seus objetivos contribuindo para o desenvolvimento escolar.

É importante deixar claro que a família não é a única causa para os problemas de aprendizagem, eles podem ser de ordem física, sensorial, neurológica, emocional, cognitiva, educacional e socioeconômica. Iremos focar aqui a de ordem emocional, e como a família contribui para determinar esse problema, já que é com ela que o aluno irá construir seus desejos de aprender.

Antigamente costumava-se culpar o aluno pelo seu fracasso escolar, hoje sabemos que todo o contexto onde ele está inserido deve ser considerado. A família é o primeiro contato com a sociedade que a criança possui, e será com ela que realizará as suas primeiras experiências. Os pais podem influenciar na aprendizagem de seus filhos através de atitudes e valores que apresentam para ele, ou seja, se eles preferem assistir TV ao invés de ler, é possível o infante também haja assim. É na família que o aluno encontrará suas motivações, contudo a ação dessa não é absoluta, podendo ser abalada por outros grupos sociais.

A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Por melhor que seja uma escola, por mais bem preparada que esteja seus professores, nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente. (CHALITA, 2004, p. 14)

O papel da família no processo de escolaridade e a importância da sua presença no ambiente escolar são reconhecidos pela legislação nacional e pelas diretrizes do Ministério da Educação.

Art . 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária . (Estatuto da Criança e do Adolescente)

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação)

A família tem a obrigação de acolher a criança, dando-lhe um lar estável e amoroso, mas é um desafio posto na sociedade aproximar da realidade as garantias previstas em lei.

A influência dos pais é importante no aspecto emocional. Como ele fala com o filho, o interesse em ver seu progresso escolar, as brincadeiras realizadas com a família, essas e outras circunstâncias aumentam a autoestima da criança, que irá fazer com que ele conheça suas possibilidades e aceite suas limitações, sendo um elemento fundamental para o sucesso do indivíduo. Por isso o aluno precisa estar bem emocionalmente para se desenvolver plenamente.

Tanto no agir como no conhecer a inteligência e a afetividade são inseparáveis. Todo ato intelectual vem ligado a algum sentimento ou interesse. De outra parte, cada disposição de sentimento, cada sensação, cada interesse, cada emoção encerra uma estrutura e com isso o vestígio de uma elaboração intelectual. (PIAGET, 1971, p. 190)

Não é admissível trabalhar a habilidade cognitiva e social sem que a emoção esteja estruturada.

E só há educação onde há afeto, onde experiências são trocadas, enriquecidas, vividas. O professor que apenas transmite informação não consegue perceber a dimensão do afeto na aprendizagem do aluno. O aluno precisa de afeto, de atenção. (CHALITA, 2004, p. 236)

Os pais tem uma enorme preocupação em acertar na educação dos filhos, e é, na maioria das vezes, tentando acertar que eles acabam errando. A família irá influenciar na forma como a criança reage na escola, com isso, caso o pai dê pouco valor aos seus estudos, só faça cobrar sem que haja uma participação efetiva sua (do pai), isso irá repercutir no aluno, que também agirá assim no seu ambiente escolar, sem interesse algum por aquele espaço e com atitudes imaturas.

A criança precisa perceber que é respeitado e valorizado pela família, caso contrário verá em cada nova situação uma oportunidade de se mostrar incapaz, já que foi

desencorajado a ser independente, a experimentar e explorar as situações da vida, refletindo diretamente na escola. Muitas vezes quando os pais criam esse distanciamento dos filhos, eles vão buscar uma forma de atrair sua atenção.

Na sociedade em que vivemos a escola é um dos temas mais importantes para as famílias, e é em razão disso que as crianças se utilizam de artifícios escolares para se manterem mais próximos de seus pais. Isso porque, se ele estuda e tira nota boa, tal fato não chama atenção dos pais, contudo quando ele tira notas baixas, a atenção é toda sua. Por isso a dificuldade na escola pode ser simplesmente uma forma encontrada para suprir carência afetiva.

A escola pode ajudar esse aluno respeitando suas características reais, dando importância às suas experiências, com professores afetuosos e compreensivos, fazendo com que ele se aceite pelo que ela é.

3.2.1 O aluno Jaime

Jaime tem doze anos e é aluno do 6º ano do ensino fundamental da rede particular. Sua escola é de médio porte, sendo popular na cidade de Salvador. Quem procurou o reforço escolar foi o pai, no 5º ano, quando o aluno foi para a recuperação. Desde então ele permaneceu no reforço nas aulas de matemática e português. Suas são as terças, quintas e sextas, das 14h às 16h.

As atividades de Jaime não são de difíceis resoluções, sendo que normalmente se resumem a exercícios de fixação do livro, - poucas vezes vêm atividades no caderno.

Dentre as dificuldades do aluno é possível afirmar que Jaime resolve o início das atividades muito bem, no entanto, em determinados momentos ele começa a responder no automático, levando aos erros das questões.

Além disso, suas atividades são sempre feitas com pressa, como se estivesse preocupado em demonstrar habilidade e inteligência, mas sem se preocupar se as respostas estão certas ou não.

No caso de Jaime, minha primeira preocupação foi em descobrir se ele realmente não sabia fazer as tarefas ou se era falta de concentração. Apontei ao aluno as questões que estavam erradas e pedi para ele observar com calma e pude constatar que ele sabia responder, sendo poucas aquelas que eu precisar ensinar.

Percebi, com o tempo, que a família tinha um grande peso nos estudos do aluno. Isso porque, sua mãe defende que não é necessário ele estudar muito, que a escola é errada na quantidade de assuntos transmitidos em um dia e que caso ele estude duas horas no reforço escolar ele não pode chegar em casa e estudar outras matérias, porque aquele estudo já foi suficiente para sua cabeça. Já o seu pai é o completo oposto, sendo extremamente controlador quando o assunto são os estudos do menino, se posicionando no sentido de que é preciso que ele estude a todo o momento, sem demonstrar qualquer afeto explícito com a criança.

O aluno não tem um equilíbrio em casa, por conta disso sua cabeça fica desnordeada, sendo que para evitar discussões entre os pais ele acaba omitindo algumas atividades. Omissão essa que acaba prejudicando-o na escola. Nas aulas de reforço escolar, além de sanar as dificuldades da criança nos conteúdos estudados, vou sempre dialogando sobre a importância dos estudos na sua vida. Que independente do que seu pai ou mãe falem, ele precisa saber o quanto ele é responsável pelas suas escolhas e como o estudo vai determinar seu futuro. Busco apresentar o conhecimento através de um diálogo, defendendo sua importância e sua necessidade.

3.2.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Jaime

O que tento mostrar para os pais do aluno é que eles precisam estabelecer regras sim, contudo eles devem explicar o porquê delas, dialogando com a criança além de demonstrar afeto e confiança. Peço que evitem também discutir na frente dele, e que

caso discordem de algo, resolvam primeiro entre eles para só então transmitir a solução para ele, de modo a desenvolver um ambiente estável. Quanto mais essas atitudes forem aplicadas na prática, mais a figura familiar será fortalecida como exemplo para a criança, por isso os bons exemplos são necessários.

Os pais, ao interagir com seus filhos, ao ouvir e consultar as crianças, demonstram uma valorização de seus sentimentos e opiniões, já que eles aparentam estar sempre prontos a dar-lhes apoio e lhes mostrar o que é certo e errado em suas atitudes. Uma boa comunicação traduz respeito e amor, assim, no processo de aprendizagem, ele ganha mais confiança, estimula suas habilidades, e desenvolve uma consciência acerca do está aprendendo e de onde ele poderá aplicar seus aprendizados.

A família deve estar presente em todos os momentos da vida do seu filho, mas não para cobrar e sim para dialogar com envolvimento e comprometimento. Também deve estar pronta para intervir visando o bem dos seus filhos, mesmo que para isso seja necessário um “não”.

Verifico a obrigação de desenvolver valores positivos nesse aluno, eis que o meu papel de educadora vai além de instruir conhecimentos, alcançando também os valores. Para Falcão (2001, p.67), “o que importa é o trabalho de orientar o aluno na efetivação construtiva de seus impulsos por auto conservação e auto expansão”.

Por isso que, por mais que as atitudes de seus pais sejam confusas para ele, tento mostrar, no dia-a-dia, valores positivos e condizentes com a minha postura. Estou sempre interessada nas suas atividades, mostro-me organizada, planejada e preparada para ensinar com o intuito de fazer o aluno refletir e chegar as suas próprias conclusões através dos seus ganhos e frustrações.

Recursos para motivar a aprendizagem do aluno existem, sendo que os que mais uso são elogios meus e de seus colegas do reforço. Mostro também que tanto ele como os outros tem suas limitações e suas potencialidades e que, para isso,

podemos criar estratégias para desenvolver seu aprendizado, isso é chamado de meta cognição.

3.3 A IMPORTÂNCIA DE APRENDER COM O OUTRO COLEGA

Com aporte teórico na coletânea da escola elementar no século XIX, tenho a intenção de apresentar o método monitorial por mim utilizado no reforço escolar e as adaptações que fiz a esse conhecimento, no cotidiano, com o objetivo de beneficiar meus alunos.

A apresentação da coletânea nos informa que o método tem seu início na Inglaterra, no final do século XVIII, fixando-se, em seguida, na França, e vindo a alcançar os países da América Latina somente na metade do século XIX. O método surgiu para suprir a falta de professores, fato este cuja consequência direta era a carência na educação.

Lesage (1999) afirma que o método foi conduzido por Andrew Bel, diretor de uma instituição destinada às crianças órfãs, e Joseph Lancaster, da seita dos Quakers. Os referidos autores noticiaram, em suas obras, os princípios da nova prática e definiram as estruturas e procedimentos pedagógicos recomendados para o ensino básico.

O método mútuo surge com o objetivo claro de romper com os dois únicos métodos que existiam: o individual e o simultâneo. O individual consistia no estudo da leitura, onde cada aluno era chamado para perto do professor e lhe era dada atenção por alguns minutos, depois ele retornava ao seu lugar para exercitar e entender aquilo que lhe foi ensinado. Já o simultâneo era o ensino ministrado pelos irmãos das escolas cristãs, segundo o qual os alunos se reuniam em função da matéria e se dividiam em três classes. A primeira classe era de leitura, a segunda de escrita e a terceira de gramática, ortografia e cálculo, valendo-se ressaltar que nessa modalidade, o ensino dado pelo professor chegava a atender sessenta alunos ao mesmo tempo.

Enquanto esses dois métodos centravam o ensino na figura do professor, o método mútuo veio para investir na troca de conhecimento entre os alunos. Por essa metodologia, os discentes são separados em classes (esse termo era entendido como grau de conhecimento, e não como arquitetura), conforme a disciplina e o grau de conhecimento, não tendo a idade qualquer interferência. A classe recebe o mesmo exercício, de modo que o aluno que tiver um melhor desempenho instrui os demais. Eles são agrupados em salas únicas, retangulares e sem separação, independente do número de alunos.

Cada matéria ensinada baseia-se em um programa, escrito pelos estudiosos – Nyon, Bally, ou Sarazin. O programa pode ser desmontado em oito graus hierarquizados, onde cada um ganha o nome de classe, sendo a primeira classe a dos iniciantes e a última, a dos alunos que estão finalizando o curso escolar. A permanência em cada classe depende do ritmo de aprendizagem de cada aluno. “Assim, ao fim de seis meses de presença, o aluno poderá estar na quarta classe de leitura, na quinta classe de escrita e na segunda classe de aritmética.” (LESAGE, 1999, p.13)

A quantidade de classes varia de acordo com o espaço das escolas, pelo que, se não tiver mais lugar, não se cria mais classe. O método divide, pois, a responsabilidade entre professor e monitores. Os monitores possuem uma classe reservada para o professor transmitir conhecimentos e dar conselhos técnicos para a aplicação do método. O professor elabora os exames, decide as mudanças entre classes e distribui punições e recompensas, enquanto os monitores instruem os alunos mais fracos e são classificados em gerais e particulares.

Os monitores gerais são ajudantes diretos do professor. Eles recebem a incumbência de intervir junto aos monitores particulares e alunos, cuidam da ordem da escola, fazem a chamada dos monitores e diante de uma ausência, designa seu substituto, além de listar quem será punido ou recompensado.

Os monitores particulares são escolhidos na oitava classe da disciplina. Eles são a ligação entre os alunos e monitores gerais, devem atender às ordens transmitidas pelo monitor geral. Caso existam muitos alunos na classe, eles são responsáveis por uma parcela, dando-lhes ordens concisas, rápidas e de captação imediata. A comunicação é mecânica e sempre se dá por parte do professor, monitores e alunos, nunca em ordem contrária, as ordens são transmitidas por voz, sineta, apito e sinais.

Os mobiliários das escolas são muito simples. Os bancos são sem encostos e confeccionados com tábuas, assim como os púlpitos. O professor se mantém no alto, e para chegar até sua mesa é necessário subir vários degraus; além disso, todos os ensinamentos e atividades são cronometrados; os quadros negros são utilizados para desenho linear e aritmética e são colocados no meio de cada círculo formado; livros, papéis e canetas só são utilizados na última classe; quando a atividade é realizada na mesa, os monitores gerais e particulares se comunicam através de telégrafos transportáveis (silvos ou sinetas); os monitores também utilizam varas para indicar as coisas; e os professores possuem um livro de registro, onde anotam a data de entrada e saída do aluno e suas dificuldades de aprendizagem.

Monacorda (2006) explica que as atividades nas classes inferiores são de quinze minutos e nas superiores de trinta minutos, sendo concisas e fáceis. Nela temos a ação de ler e escrever, em que para a segunda atividade, os alunos recebem tabuinha com areia, onde escrevem com o dedo em uma pequena lousa. Já para ler, eles são agrupados em semicírculos diante de grandes lousas, tudo com bastante disciplina.

Note-se que essa prática associa leitura e escrita, mas não muda a sequência de silabar e soletrar, e da mesma forma, a aritmética continua sendo puramente mecânica. A avaliação consiste na mudança de lugar dos alunos dos bancos, de modo que se um aluno erra, e aquele que está atrás o corrige, o que acertou passa a frente daquele que errou. Quem fica muito tempo ocupando o primeiro lugar da classe é considerado apto a passar para o último lugar da classe superior, assim como quem não faz progressos deve descer para o primeiro lugar da classe inferior.

Lesage (1999) lembra que os fundadores do método não acreditavam que as salas estavam cheias porque todos aqueles alunos tinham motivação para aprender, por isso estimulava sempre uma competição meritória ou repreensível entre os alunos. É importante deixar claro que os castigos corporais são abolidos.

Aparece, então, um grande leque de sanções progressivas e hierarquizadas, por exemplo: retroceder ou avançar do lugar no interior dos grupos; destacar as marcas de honra ou infâmia; suprimir a recreação; outorgar bônus trocáveis por dinheiro ou por objetos úteis (peças de roupa, livros, facas); ser julgado por seus pares em caso de falta grave; distribuir prêmios no fim de ano. (LESAGE, 1999, p. 22)

O método veio ao encontro da necessidade de alfabetizar a população, e com uma lógica meio militar, industrial, que só cresceu devido a falta de professores, valendo assim a intenção de dar acesso a educação às diversas camadas da sociedade, ensinando a ler, escrever e contar.

Ante ao exposto, pretendo apresentar meu aluno Marcelo e mostrar que a ideia principal do método pode ser utilizada nos dias atuais, desde que se tenha cuidado em separar os pontos que fazem sentido atualmente, excluindo aqueles que não irão acrescentar nada ao aluno.

3.3.1 O aluno Marcelo

Marcelo tem 10 anos e é aluno do 5º ano do ensino fundamental da rede particular. Sua escola é de médio porte, popular no bairro de Brotas. Ele é aluno do reforço escolar desde o 1º ano do ensino fundamental, e sua mãe buscou auxílio do serviço por trabalhar o dia todo e achar muito cansativo o fato de seu filho só ir estudar no horário da noite. Suas aulas são todos os dias, das 14h às 16h.

A escola do aluno tem o perfil de preparar desde cedo para o vestibular, por isso ele recebe muitos deveres, mas que consegue cumprir em tempo hábil. Avaliando-o ao longo desse período, posso afirmar que Marcelo não é aluno com dificuldades,

precisando apenas de um horário fixo para estudar e alguém que possa tirar suas dúvidas.

Marcelo está sempre disposto a aprender, é interessado e esforçado nas suas atividades escolares e do reforço. Busca novos conhecimentos seja fazendo perguntas, seja pedindo mais atividades.

Desde o início trabalhei com esse aluno proporcionando-lhe atividades que desafiassem seu conhecimento. Como ele é um aluno que absorve o assunto com facilidade, normalmente passo deveres com um grau de dificuldade maior do que o da escola.

3.3.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Marcelo

Marcelo é um aluno com bom relacionamento com os colegas, razão pela qual eu tenho a intenção de colocá-lo para ensinar outro aluno, a fim de que possa desenvolver o respeito pelas diferenças e a compreensão com o próximo. A minha intenção é a de que ele venha a aprender através dos questionamentos do outro, sendo humilde para mostrar aquilo não sabe e vindo me perguntar o que o colega tem dúvida, mostrando-lhe que também tem seus limites.

Importa esclarecer que o aluno não é obrigado a ensinar ao seu colega, e que ele não me substitui. O objetivo é que Marcelo ensine a um colega um assunto que eu sei que ele domina, porém ele tem o direito de me dizer não, caso não se sinta a vontade para ensinar. Caso ele aceite a proposta, vou ficar observando como ele transmite esse conhecimento ao aluno, de modo que se for preciso eu farei uma intervenção complementando ou reexplicando o assunto aos dois.

Em hipótese alguma Marcelo irá assumir a minha função. Ademais, não imporei a sua presença, sempre indagando aos demais se querem que o colega transmita o conhecimento dele. Ressalte-se que essa prática vai estimular seu pensamento crítico, firmando o conhecimento que já detém sobre os assuntos. A ideia é a de que

ele acabe exercendo o papel de mediador entre a linguagem técnica do professor e a realidade próxima do adolescente.

3.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO APRENDIZADO POR MEMORIZAÇÃO

Com aporte teórico no livro do autor Libâneo (1996), “Democratização da escola pública”, venho, nessa parte do texto, apresentar as tendências pedagógicas de forma sintetizada, focar nos pressupostos teóricos e metodológicos da Pedagogia liberal tradicional e apresentar a prática da professora de Karina e as consequências desse aprendizado para a aluna.

O autor nos revela que a prática escolar tem como pano de fundo imposições sociopolíticas que concorda com diferentes pontos de vistas do homem e da sociedade, assim a escola tem como consequência diferentes pressupostos sobre o seu papel. Tendo como características as atitudes em relação aos condicionantes sociopolíticos, as tendências pedagógicas foram classificadas em liberais e progressistas. (LIBÂNEO, 1996)

A educação liberal surgiu com a justificativa de preparar o aluno para o desempenho de papéis sociais, de acordo com interesses individuais.

Historicamente, a educação liberal iniciou-se com a pedagogia tradicional e, por razões de recomposição da hegemonia da burguesia, evoluiu para a pedagogia renovada (também denominada escola nova ou ativa), o que não significa a substituição de uma pela outra, pois ambas conviveram e convivem na prática escolar. (LIBÂNEO, 1996, p. 22)

Na tendência liberal tradicional o aluno é preparado para assumir sua posição na sociedade, de modo que os conhecimentos e metodologias não têm nenhuma relação com a sua realidade. Já a liberal renovada tem o ensino centrado no discente, valorizando as experiências humana. Por fim, a liberal tecnicista prepara o aluno para ser empregado da indústria, alargando a produção e garantindo o desenvolvimento econômico.

A pedagogia progressista não tem ambição de promover a sociedade capitalista. A tendência progressista libertadora e libertária é contra o autoritarismo, dando valor ao processo de aprendizagem do grupo. A progressista “crítico social dos conteúdos” vê a escola como intercessora entre individual e social, articulando os conteúdos ao aluno inserido no contexto, desenvolvendo um conhecimento crítico.

Segundo Moll (1996) a abordagem tradicional compreende concepções e práticas educacionais que prosseguem na equipe das escolas brasileiras desde a influência dos jesuítas até nossos dias.

Libâneo (1996) conta que escola tradicional tem como função preparar a criança para assumir suas responsabilidades na sociedade. Para essa tendência, o caminho até o conhecimento é igual para todos os alunos, de modo que os que possuem maior dificuldade devem se esforçar para superá-la e conquistar seu lugar junto aos mais capazes.

Os conteúdos ensinados são conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações antigas, sendo ensinados como verdades absolutas. As matérias de estudo são afastadas do cotidiano dos alunos, sendo vistas pelos críticos como enciclopédicas.

“Livros, especialmente manuais escolares, são os principais representantes do conhecimento e da sabedoria do passado e os professores são os órgãos, por meio dos quais os alunos entram em relação com esse material.” (GADOTTI, 2006, p. 150)

Os conhecimentos são expostos verbalmente ou por demonstração, levando a exercícios com repetições de conceitos que decorem de forma mecânica. Assim, os alunos retêm as informações e dão respostas novas de forma semelhante às dadas anteriormente.

“A escola organiza-se como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhe são transmitidos” (SAVIANI, 2008, p. 6)

O professor tem uma atitude autoritária e exige que o aluno seja obediente, impedindo qualquer aproximação entre eles. Com isso o ensino é centrado no professor, que tem o poder do conhecimento, gerando um fluxo unilateral de comunicação, não desenvolvendo o pensamento crítico do aprendiz, que absorve o que lhe é imposto sem poder questionar, ou seja, “[...] a atitude dos alunos, de modo geral, deve ser de docilidade, receptividade e obediência”. (GADOTTI, 2006, p. 150)

As avaliações se dão por questionamentos orais ou escritos, atividades de casa, provas escritas e trabalhos. Esse é o momento de reproduzir com exatidão tudo que lhe foi transmitido pelo professor.

3.4.1 A aluna Karina

Karina tem dez anos, e é aluna do 5º ano do ensino fundamental da rede particular. Sua escola é uma escola pequena de bairro, onde sinto falta de uma organização de planejamento. Quem procurou o reforço para Karina foi sua tia, por sentir que as pessoas que moravam com ela não conseguiam acompanhar suas atividades escolares. Os seus dias de reforço são de segunda a sexta feira, das 14h às 16h.

A maior dificuldade da aluna é nas matérias de humanas, mais precisamente na interpretação dos textos, em que ela lê, mas não consegue refletir sobre o que aqueles textos quiseram informar. Ela também não possui a curiosidade em se questionar.

As atividades de Karina nas matérias de ciência, geografia e história são todas muito parecidas. Quando está na semana de prova, a professora passa um questionário sobre o assunto contendo entre 10 e 20 questões, para que seja respondido em casa, e no dia seguinte a professora corrige em sala solicita que o aluno estude para prova pelo questionário.

Na execução de suas atividades, Karina sublinhava no livro a frase que era idêntica a pergunta do caderno e tudo que vinha depois ela escrevia. Não tinha uma preocupação em verificar se o que estava copiando fazia sentido ou não, sendo que depois da correção, ela não abria mais o livro, de modo que todos os seus estudos se resumiam naquele simples questionário. O que acontece é que a aluna decora aquele questionário todo e vai fazer a prova, cujas perguntas são idênticas às da atividade efetuada. Assim, a criança é acostumada a procurar nos textos só a respostas dos seus questionários, sem qualquer estímulo para ler e interpretar.

Com vista nessa deficiência da escola, iniciei com Karina a construção de seus próprios questionários. Primeiro eu lia o assunto com ela, e depois ia construindo com sua ajuda, após o que deixava que respondesse. Em um segundo momento ela construía e respondia, logo após eu corrigia e ao lado dela ia procurando novas perguntas e respostas, mostrando-lhe novos questionamentos sobre o tema estudado.

Além disso, pedia que a aluna elaborasse resumos daquilo que foi estudado e depois me apresentasse oralmente, para eu verificar através da fala dela conceitos que não ficaram claros. Através desses instrumentos, estou tentando minimizar a dependência de Karina pelo questionário da professora, uma vez que quando não dispunha da atividade, ela não sabia como estudar para a prova.

3.4.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Karina

Eu acredito que o ensino deve dar caminhos para o aluno criar suas estratégias de aprendizagem, e não oferecê-los para serem seguidos de forma padronizada, ainda que baseados em modelos apresentados pelo professor. Cada estratégia deve vim carregada das características individuais dos alunos, de modo que o aprendizado não deve ser memorizado, pois se assim o for, ele será fragmentado. Por essa metodologia, o aluno se acostuma a só apresentar a resposta quando a pergunta for igual, pelo que, se houver qualquer modificação, ele ficará perdido, já que não saberá generalizar o assunto. Ademais, ao passar as avaliações o discente

esquecerá todos aqueles conceitos que foram guardados em sua memória de curto prazo.

Com isso eu me debruço sobre uma matéria ofertada no curso “Avaliação da Aprendizagem”, onde foi muito bem ensinado que nossas avaliações deveriam ser feitas para observar o que o aluno aprendeu e não classificá-lo. Além disso, a avaliação não pode se resumir a perguntas e respostas, têm que ser explorados outros instrumentos como seminários, debates, relatórios, observação. Faz-se necessário que o aluno exponha a sua opinião até para o professor saber se ele deve retomar e reforçar determinados conceitos que não ficaram claros em sala de aula.

3.5 APROVADOS PARA AS SÉRIES SEQUENTES SEM DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS ESSENCIAIS

Tendo como apoio teórico os Parâmetros Curriculares Nacionais de matemática, tenho por objetivo apresentar a importância da matemática para o ensino fundamental I, para depois apresentar meu trabalho com um aluno e as suas dificuldades.

A matemática nasceu na Antiguidade por necessidades na vida diária. Assim como as outras ciências, ela também reflete as leis da sociedade e tem utilidade para o conhecimento do mundo e da natureza. (MANACORDA, 2006)

A matemática é individualizada por sua abstração, exatidão, rigor lógico, atitude indiscutível de suas conclusões e pelo amplo campo de aplicações. Sua eficácia deve-se ao fato de que seus conceitos e resultados têm raiz na realidade e se entrelaçam com outras ciências na vida cotidiana, a exemplo da indústria, comércio e tecnologia. Nas áreas humanas embora sua utilidade seja menor que nas ciências exatas, ela também contém contribuições importantes em torno de conceitos, linguagem e atitudes que ajuda a desenvolver.

Com o desenvolvimento da Geometria e da Álgebra, os conhecimentos são sistematizados e “transforma-se na ciência que estuda as relações e interdependências quantitativas entre grandezas, comportando um enorme campo de teoria, modelos e procedimentos de análise, metodologias próprias de pesquisa, formas de coletar e interpretar dados.” (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 24)

O conhecimento matemático é ensinado sem contexto, porque tem a ansiedade em transmitir os resultados e não o procedimento pelo qual o determinou, “desenvolvendo-se em um processo de conflito entre o abstrato e concreto, formal e informal, particular e geral, finito e infinito, discreto e contínuo”. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 24)

A matemática ajuda na construção do pensamento e desenvolvimento do raciocínio lógico. Está inserida nas práticas cotidianas das pessoas seja pelas formas geométricas que visualizamos todos os dias, seja para quantificar e calcular valores de salários e pagamentos. Também é um utensílio importante para distintos campos do conhecimento, tanto para a ciência da natureza como para a social. Por isso ela deve ser explorada no ensino fundamental para desempenhar seu papel na formação do indivíduo desenvolvendo as capacidades intelectuais.

As crianças, quando colocadas na escola, trazem uma bagagem informal que foi construída na sua vida cotidiana. A mãe fazendo compras, os horários das atividades, o total de pontos do jogo, o domínio de suas figurinhas, encontrar-se distante ou próximo do colega, elementos esses que o PCN pede para que o professor transforme em objeto de reflexão para as atividades escolares. Contudo não podemos nos limitar apenas aos seus conhecimentos, devendo expandi-los e dar condições para formar conexões com os velhos e novos conteúdos possibilitando um significado para o aluno.

A matemática no primeiro ciclo do ensino tem como objetivo geral aproximar o aluno das operações, dos números, medidas, formas, espaço. Acredita-se que ele resolva

problemas por ocasiões orais, textuais ou representações matemáticas, faça uso do número demonstrando a captação dos preceitos do sistema de numeração decimal, apresente noção de quantidade, consiga medir fazendo uso de medidas não convencionais e use noções de posição como referência tanto para posicionar-se, como para definir a posição do objeto no espaço.

3.5.1 O aluno Rafael

Rafael tem 12 anos e é aluno do 6º ano do ensino fundamental de uma escola particular de médio porte. Sua mãe procurou o reforço escola no meio do ano devido as suas notas estarem abaixo de 3 pontos em todas as matérias. Suas aulas são as segundas, terças e quintas, das 15h às 17h, e restringe-se a matemática.

Os exercícios de Rafael são do seu livro didático, sendo que no momento o assunto que está sendo trabalhado é frações. A professora solicita as paginas que devem ser feitas, e o aluno precisa escrever todas as questões no caderno para depois responder, por não ter espaço no livro. A professora não aceita que a atividade feita se restrinja aos cálculos e as respostas, sendo necessária a presença das perguntas no caderno.

Notei que Rafael sabia como desenvolver as questões de matemática, mas quando chegava nas contas ele não sabia o que fazer. Não que o aluno tenha dificuldade, mas ele não sabia como resolver essas operações básicas, o que me levou a questionar de que forma ele avançou todos esses anos com essa lacuna em seu ensino.

A título de exemplo, numa adição, o aluno coloca 19 mais 23. Ele sabe que nove mais três dá 12, contudo, ao invés dele deixar o 2 e subir o 1, ele inverte, deixando o 1 e subindo o dois, e segue com a soma. Na multiplicação ele não conhecia a noção principal da operação, ou seja, que $2 \times 3 = 6$ porque $2 + 2 + 2 = 6$. O aluno estava simplesmente decorando a tabuada, sem dar um sentido para aquele estudo.

Assim como não ensinaram a matemática com sentido para Rafael, ele também resolvia as questões sem sentido, espalhando os números e dizendo que ela estava respondida. A professora dava visto, corrigia no quadro, o aluno transcrevia tudo do quadro, mas não fazia ideia do motivo.

O meu trabalho com Rafael começou pela explicação dos procedimentos desde a adição até a divisão; os conceitos básicos fundamentados no seu dia-a-dia. Minha primeira preocupação foi a de mostrar para ele que todas aquelas contas iam além do caderno, que ele precisava disso para a vida e fui apontando momentos que ele precisava somar, subtrair, multiplicar e dividir. Passava atividades para ele fazer sozinho, outras em dupla, brincava de stop com as operações, usava desenhos, setas, balas e assim o aluno começou a dar sentido para aquelas operações. Vale salientar que expliquei uma operação por vez, só avançando para a subtração depois que ele entendeu a adição e assim por diante. O aluno se mostrou encantado com a operação, ficando surpreso com a simplicidade do assunto.

3.5.2 Considerações sobre o aprendizado e a evolução de Rafael

Minha maior preocupação com Rafael era que sua professora não esperava ele aprender. Enquanto ele estava comigo aprendendo soma, subtração, multiplicação e divisão ela estava ensinando em sala de aula frações equivalentes, operações com frações, problemas com frações, entre outros. O que acontecia era que o aluno sabia o conceito de fração, se tivesse que representar em desenho ele sabia fazer, contudo quando chegava no uso das operações ele parava.

Ele vivia recebendo bilhetes dizendo que não prestava atenção nas aulas, que ele precisava se concentrar mais, mas eu não via isso como culpa do aluno. Não era lhe dada a atenção devida, sendo que ele não conseguia lidar com determinados conceitos por não ter desenvolvido a maturidade e independência para eles, o que o levava a desmotivação e a ver a escola como um momento de estar com os amigos. Ninguém o acolheu como um ser pensante capaz de obter sucesso em seu processo de aprendizagem.

Rafael não tem nenhuma deficiência, tudo que ele precisava era de um olhar atento que voltasse aos assuntos que ele não assimilou para então poder acompanhar a sala de aula. Ensinar esse aluno foi possibilitar tempo para trabalhar seus interesses que não estavam presentes em sala de aula, sanar suas lacunas dos anos perdidos e acelerar para vencer essa etapa da educação básica. Meu maior questionamento foi o de como o aluno foi aprovado todos esses anos sem saber o mínimo da matemática; sem ter cumprido os objetivos determinados nos parâmetros curriculares nacionais. O acesso a esses conhecimentos é um direito do aluno por ser imprescindível para sua formação, e é dever do professor acrescentar conhecimento a cada discente, jamais reduzindo-o ou tornando-o invisível no ambiente escolar.

CONCLUSÃO

De acordo com tudo que foi citado, o meu objetivo principal nesse memorial foi de demonstrar como o reforço escolar visa a qualidade na aprendizagem dos alunos, de modo que eles possam vencer os desafios e acompanhar as aulas na escola sem lacunas. Vejo como resultados das minhas aulas o aumento de estímulo para a prática da aprendizagem, além de uma melhora em suas notas escolares, uma vez que o prazer em aprender é muito maior. Quero deixar claro que essas dificuldades apresentadas não são as únicas vistas em cada aluno, e sim a que mais me desafiaram, por isso resolvi apresentar no trabalho.

Também não tenho a pretensão de julgar ninguém, nem assumir responsabilidade das famílias e professores em sala de aula. A minha intenção foi apenas de mostrar que alguns alunos podem melhorar o desempenho da sua aprendizagem através de aulas extras mediadas por pedagogos.

Ninguém é um professor perfeito, estamos sempre em construção, por isso acho importante discutir e enriquecer nossas práticas educativas, rever nossos métodos e ouvir outras ideias, sem radicalismos, para cumprirmos nossa função de ensinar a aprender de forma produtiva. Fato é que não basta apenas sabermos o conteúdo, é preciso dar um sentido, um significado através da reflexão. E eu como professora, preciso ajudar esses alunos, buscando alternativas de superação.

Chego ao fim da minha graduação com a sensação de dever cumprido. Cumprido porque consegui aprender com a faculdade tudo que poderia para me tornar uma boa pedagoga, por ter estudado que minha formação não termina aqui e que sempre estarei em processo de transformação, principalmente das minhas práticas.

Sinto-me ainda na responsabilidade de acolher esses alunos, fazendo transparecer o quanto acredito neles e que sempre estarei ali para auxiliá-los. Como assevera Vasconcellos (2007), tenho a obrigação de ter a postura do professor que provoca o pensamento do aluno, desperta a sua curiosidade, dispõe de condições para que o

mesmo aproxime seu aprendizado da realidade e interaja com ele para saber quais conhecimentos não desenvolveu, trabalhando de várias formas até esse aluno articular suas aprendizagens a sua vida.

REFERÊNCIAS

Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 11 mar. 2013.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 14 mar. 2013.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Matemática / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC / SEF, 1998.

BORUCHOVITCH, Evely. **Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200008>. Acesso em: 19 fev. 2013

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

_____. Alfabetização o duelo dos métodos. *In*: SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto.** 2. ed.ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Gente, 2004.

DEMBO, M.H. **Applying educational psychology in the classroom.** 3. ed. New York: Longman, 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200008>. Acesso em: 19 fev. 2013

DÍAZ, Félix. **O processo de aprendizagem e seus transtornos.** Salvador: EDUFBA, 2011.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** Ijuí: Unijuí, 1998.

GOOD, T. L.; BROPHY, J. E. **Educational psychology**: a realistic approach. White Plains: Longman. 1986. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200008>. Acesso em: 02 fev. 2013

HOLLY, Mary Louise. **Investigando a vida profissional dos professores**: diários biográficos. *In*: NÓVOA, Antônio (Org.). Vidas de professores. 2.ed. Porto: Editora Porto, 1995, p.79-110.

LESAGE, Pierre. A pedagogia nas escolas mútuas no século XIX. *In*: BASTOS, Maria Helena Câmara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **A escola elementar no século XIX**: o método monitorial/mútuo. Passo Fundo: EDIUPF, 1999, p. 9-24.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 14. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MOIRA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de transformação**. *In*: NÓVOA, Antônio (Org.). Vidas de professores. 2.ed. Porto: Editora Porto, 1995, 111-140.

MOLL, Jacqueline. **Alfabetização possível**: reinventando o ensinar e o aprender. Porto Alegre: Mediação, 1996.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e as histórias de suas vidas**. *In*: NÓVOA, Antônio (Org.). Vidas de professores. 2.ed. Porto: Porto, 1995, p.11-30.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e. **ABC do alfabetizador**. Belo Horizonte: Alfa Educativa, 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imitação e representação. Rio de Janeiro: LTC, 1971.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação**. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-memorial_GuilhermePrado_RosauraSoligo.pdf>. Acesso em 12 dez. 2012.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Para onde vai o professor**: resgate do professor como sujeito de transformação. 12. Ed. São Paulo: Libertad, 2007.

